



## A IMPORTÂNCIA DO GESTO NA REESTRUTURAÇÃO DA LINGUAGEM DE SUJEITOS AFÁSICOS

Jaqueline Aparecida de Mello<sup>1</sup>; Ana Paula Vila Labigalini<sup>2</sup>

**RESUMO:** Esta pesquisa enfoca questões voltadas para Afasia, Linguagem e Gestos. Tem como objetivo principal, através da coleta de dados do sujeito D, durante interação social em grupo, observar a utilização de gestos para iniciar, complementar e responder o seu discurso, além de discutir e analisar os caminhos lingüísticos que o sujeito afásico percorre para acessar o léxico durante o mesmo. A pesquisa é qualitativa, serão realizados encontros semanais de 1h30, relatório de anamnese, avaliação e transcrições dos encontros semanais. São assistidas fitas gravadas do sujeito, enfatizando as condições de produção não verbal – gesto. Espera-se que, com a utilização de outros caminhos lingüísticos, o sujeito possa restabelecer a sua linguagem, elaborando o seu discurso de forma qualitativa, por meio dos gestos e sua re-inserção na sociedade, podendo assim, melhorar sua qualidade de vida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Afasia; Gesto; Linguagem.

### 1 INTRODUÇÃO

“Afasia se caracteriza por alterações de processos lingüísticos de significação de origem articulatória e discursiva (nesta incluídos aspectos gramaticais) produzidas por lesão focal adquirida no sistema nervoso central, em zonas responsáveis pela linguagem, podendo ou não se associarem a alterações de outros processos cognitivos. Um sujeito é afásico quando, do ponto de vista lingüístico, o funcionamento de sua linguagem prescinde de determinados recursos de produção ou interpretação.” (COUDRY, 2001)

Luria (1981), acredita na dupla dissociação funcional, pois, sempre que ocorre uma lesão, que perturba o funcionamento do sistema cerebral, há a perturbação de alguns processos, enquanto outros continuam intactos. Baseados nisto, podemos pensar na neuroplasticidade do cérebro humano, que, uma vez ocasionado uma lesão, afetando a área da linguagem, que é uma função complexa do cérebro, o sujeito pode reestruturar/restabelecer a sua linguagem da mesma forma que a adquiriu.

Não devemos abordar a afasia enquanto entidade patológica, mas sim, ver o sujeito afásico como um indivíduo que é posto diante de um problema que diminuíram suas possibilidades comunicativas.

A reestruturação da linguagem do sujeito deve ser trabalhada com atividades contextualizadas, utilizando estratégias que sejam do contexto histórico-cultural-social do sujeito, enfatizando o uso da função da linguagem epilingüística que valorize a subjetividade do mesmo, diferente dos testes-padrão, que predominam a metalinguagem do sujeito, sem dar oportunidades comunicativas para este.

---

<sup>1</sup> Discente do Curso Bacharelado em Fonoaudiologia. [jaquinedemello@hotmail.com](mailto:jaquinedemello@hotmail.com)

<sup>2</sup> Docente do Curso Bacharelado em Fonoaudiologia do CESUMAR (Centro Universitário de Maringá). Especialista em Distúrbios da Comunicação Humana, Unifesp/EPM (Universidade Federal de São Paulo), Mestranda em Lingüística na UNICAMP (Universidade de Campinas). [anavila@cesumar.br](mailto:anavila@cesumar.br)

Com a utilização da função metalingüística, o sujeito não pode realizar hipóteses no seu discurso, e qualquer “erro” diante das perguntas nos testes-padrão, já é considerado um dado para aquele sujeito, sendo que este poderia estar operando sobre a sua linguagem, realizando hipóteses para chegar no seu alvo. Nas afasias além das alterações da linguagem, como na oralidade e escrita, também podemos considerar o gesto, o qual, na metalingüística não é valorizado como na função epilingüística, que dá mais possibilidades para este elaborar o seu discurso.

Coudry e Scarpa (1982) referem que a metalingüística realiza um apagamento do sujeito e das condições de determinação da significação. Estas condições de determinação apagam a subjetividade do sujeito. Devemos respeitar a hora de turno na reconstrução da linguagem, para que ele possa optar por caminhos lingüísticos diferentes do seu interlocutor.

Fedosse e Santana (2002) comentam que o terapeuta acredita que seja um sujeito que não comete parafasias, que não tem dificuldades lexicais no seu discurso e que não optam pelo gesto durante a oralidade. No entanto, inúmeras vezes, depara-se com estas dificuldades. Por exemplo: “Como é o nome mesmo? Começa com a letra *d*, não é?”

Entretanto, Santana (2002), afirma que o terapeuta é considerado um interlocutor privilegiado, que conhece os processos lingüísticos que o sujeito pode percorrer para ter acesso à linguagem.

Com base nestes argumentos, podemos refletir que, o sujeito afásico, assim como o não afásico buscam alternativas para se comunicar, que podem ser de forma verbal ou não verbal, e podem ter a mesma significação para interlocutor. Por exemplo, quando o sujeito não acessa lexicalmente o que deseja, parte para a escrita, tentando através de hipóteses, expressar o que gostaria de falar, ou parte para os gestos, mostrando o objeto, ou até qual função este tem.

Para Fedosse e Santana (2002), o prompting gestual vai permitir aos sujeitos da interlocução, atuar na e sobre a linguagem. Mas, “não podemos esquecer de que a afasia é uma alteração de linguagem decorrente de lesão cerebral que acomete todas as suas modalidades, por isso, em alguns momentos, a produção gestual também pode não ocorrer.”

O gesto é uma forma de linguagem não verbal, e através dele, podemos nos comunicar, interpretar e compreender o que o outro está tentando nos passar, por meio de uma relação dialógica recíproca.

Tenho como objetivo, através da coleta de dados do sujeito D, durante interação social em grupo, observar a utilização de gestos para iniciar, complementar e responder o seu discurso, a fim de relatar a sua evolução lingüística, diante dos indivíduos que com ele convivem.

## **2 MATERIAL E MÉTODOS**

Os materiais utilizados são textos, artigos, resenhas, livros, atividades do GOIA (Grupo de Orientação e Integração de Afásicos) na Clínica de Fonoaudiologia do CESUMAR, em encontros com os sujeitos que participam do mesmo, revistas além de sites de pesquisa. Os equipamentos utilizados são um computador, Pentium 4, da marca Dr.Hank, impressora, folha sulfite A4, lápis, caneta, borracha além de filmagens após assinatura do termo de compromisso. O sujeito escolhido na pesquisa, chamamos de sujeito D, sexo masculino, com 52 anos de idade, com diagnóstico de Afasia expressiva pós AVC e com diagnóstico neurológico de AVCi antigo em território cerebral média a esquerda. Os dados são obtidos de forma qualitativa, por meio de encontros semanais de 1h30, relatório de anamnese e avaliação fonoaudiológica individual e transcrições dos encontros semanais. São assistidas fitas gravadas do sujeito, além de observar e intervir

durante os encontros semanais no grupo, enfatizando as condições de produção não verbal – gesto.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Espera-se que, com a utilização de outros caminhos lingüísticos, o sujeito possa restabelecer a sua linguagem, elaborando o seu discurso de forma qualitativa, por meio dos gestos e sua re-inserção na sociedade.

No GOIA, pode-se observar durante interação em grupo, e conversa contextualizada sobre a mudança do sujeito D, da cidade onde reside, Mandaguari – PR, para Maringá - PR. Dado I: 08/08/2007 – Participou a investigadora lap e o sujeito D.

	Transcrição	Observações sobre processos de significação verbais	Observações sobre processos de significação não verbais – gestos.
lap	Vocês decidiram se vão mudar mesmo para Maringá?		
D			Faz gesto de não com a cabeça
lap	Mas, porque?		
D			Faz gesto com a mão de revólver atirando
lap	Porque ta muito violenta a cidade?		
D			Faz gesto de sim com a cabeça

Este dado mostrou que, com a utilização dos gestos, houve interação eficaz durante o discurso. Através de uma conversa espontânea, foi possível valorizar os processos de significação não verbais para este sujeito.

Fedosse e Dal Pozzo (2002), comentam que a linguagem é uma atividade constitutiva, ela que proporciona para o sujeito a condição de comunicação e das interações sociais e é pela linguagem que o sujeito se humaniza.

Quando damos a possibilidade do sujeito reestruturar a sua linguagem, alterada devido uma lesão focal no cérebro, aumentamos sua auto-estima e suas condições perante os indivíduos que com ele convivem, tentando inseri-lo cada vez mais na sociedade, que devido as suas condições, tentam excluí-lo.

### 4 CONCLUSÃO

Os gestos propiciam para o sujeito, uma forma alternativa de comunicação. O mesmo vai reconstituir e reorganizar o seu discurso, nas relações sociais, através de uma abordagem discursiva, onde o sujeito é visto pela sua subjetividade.

O sujeito deve valorizar os caminhos lingüísticos que utiliza, os quais também devem ser valorizados pela família, amigos e pessoas que com ele convivem.

Conseguindo se comunicar, mesmo que seja de forma não verbal, melhora-se a qualidade de vida deste sujeito, auto-estima, e aceitação perante a sociedade.

Portanto, se o interlocutor criar uma interação sem que haja oralidade e sem recortá-lo do exercício que é o diálogo, aceitando seus caminhos lingüísticos e os processos de significação que o permeiam, irá favorecer este sujeito, ao contrário das

abordagens que utilizam-se dos testes-padrão, com o uso da função da linguagem metalingüística.

## REFERÊNCIAS

COUDRY, Maria Irmã Hadler. **Diário de Narciso: discurso e afasia: análise discursiva de interlocuções com afásicos**. 3ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2001.

COUDRY, Maria Irmã Hadler e SCARPA, Ester Mirian. De como a avaliação de linguagem contribui para inaugurar ou sistematizar o déficit. **Caderno de Estudos Lingüísticos**, número 32. 1982.

FEDOSSE, Elenir e SANTANA, Ana Paula. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, 13(2): 243 – 255, jun., 2002.

FEDOSSE, Elenir e DAL POZZO, Ida Maria Piovesan. **Tempo de Fonoaudiologia III**. Organizadoras: Cristina Broglia Feitosa de Lacerda, Ivone Panhoca. Taubaté : Cabral Editora e Livraria Universitria, 2002.

LURIA, A. R. **Fundamentos da Neuropsicologia**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981.

SANTANA, Ana Paula. **Escrita e Afasia, A linguagem escrita na afasiologia**. São Paulo: Plexus Editora, 2002.